

## A instrução da tarefa nas aulas de química: uma análise empírica a partir de diferentes cenários socioculturais

Karina Novaes dos Santos (PG)<sup>\*1</sup>, Bruno Ferreira dos Santos (PQ)<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup>Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Formação de Professores, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié-BA.

\*quidanka@hotmail.com

Palavras-Chave: Aula de química, instrução.

### Introdução

O trabalho que aqui apresentamos é resultado de uma incursão, ainda em seu primeiro momento, no universo de três diferentes escolas de ensino médio: duas públicas e uma particular, uma situada na periferia e duas no centro de uma cidade de médio porte do interior da Bahia. Neste, objetivamos observar e analisar como os professores instruem seus alunos sobre as tarefas e atividades que eles devem desempenhar e/ou participar durante as aulas de química. A literatura nos informa, principalmente a partir dos estudos sociolinguísticos, que as interações professor-aluno são orientadas por regras contextuais, e que as atividades possuem estruturas de participação cujas regras são implícitas e se transmitem e se aprendem durante a interação<sup>1</sup>. Acreditamos que quando os alunos não dominam tais regras sua participação na aula é comprometida, e pode ocasionar conflitos entre aquilo que o professor espera e o que o aluno realiza sobre as tarefas e atividades, trazendo consequências para o ensino e para a aprendizagem. Nosso estudo está focado na observação e no registro das interações professor-aluno, especialmente na instrução das tarefas durante as aulas. Apresentamos e discutimos os resultados iniciais de nossa pesquisa a seguir.

### Resultados e Discussão

As duas situações narradas foram observadas, cada uma, em duas das escolas que são os cenários de nossa pesquisa.

Situação 1:

O professor (P) se dirige aos alunos e diz:

P – Vou fazer a chamada e depois vou dar minha aula.

Quando o professor termina a chamada, ele encaminha-se para o quadro e começa a escrever um apontamento sobre isótonos, isóbaros e isótopos. Alguns alunos seguem conversando. O professor então diz:

P - Pessoal, a aula já começou. Vamos parar?

A – Isso tem no livro?

P – Não.

A – É pra copiar?

P - É.

Situação 2:

XVI Encontro Nacional de Ensino de Química (XVI ENEQ) e X Encontro de Educação Química da Bahia (X Eduqui) Salvador, BA, Brasil – 17 a 20 de julho de 2012.

A professora escreve no quadro AULA EXPERIMENTAL. Em seguida ela explica aos alunos como será a participação dos alunos e o andamento da aula. Ela diz que, com a ajuda de dois voluntários, irá realizar uma demonstração prática em frente a turma e que o restante deles deve observar e anotar o que veem no caderno: o que aconteceu? Que acham que vai acontecer? E se fizer de outra maneira o que aconteceria? Depois de escolher duas alunas, pois ninguém se ofereceu voluntariamente, a professora realiza o procedimento, explicando-o e questionando a turma sobre o experimento. Apenas dois alunos participam respondendo. Após o fim do procedimento, um grupo de alunos pergunta o que eles devem fazer.

Nas duas situações narradas observamos que os professores utilizam modos distintos para comunicar aos alunos o que estes devem fazer, com resultados também diferentes. No primeiro caso, o professor não diz diretamente qual é a atividade que os alunos devem realizar (no caso, copiar a lição), preferindo dizer a eles, de forma metafórica, que a aula havia começado, após perceber que muitos alunos prosseguiram conversando e só explicita a ação dos alunos depois de questionado. Na segunda situação, a professora explica que os alunos devem observar e anotar em seus cadernos o que eles veem acontecer no experimento que ela demonstra para eles. Entretanto, eles não compreendem exatamente o que significa fazer isso. Podemos dizer que lhes falta o “marco de referência” que guie a sua participação nessa atividade, ainda que a professora tenha explicitado por meio de perguntas aquilo que deveria pautar as suas anotações.

### Conclusões

Nos exemplos discutidos observa-se que, mesmo quando o professor explicita aquilo que espera que seus alunos realizem, estes podem seguir sem compreender claramente o que se espera deles. Também se observa que, ao imaginar que os alunos dominam as regras de participação, os professores usam maneiras indiretas de instruir sobre a tarefa.

<sup>1</sup>CAZDEN, Courtney B. El discurso Del aula. In: Wittrock, Merlin (Comp.). La investigación de la enseñanza, Vol. 3. Profesores y alumnos. Barcelona: Paidós, 1997.